

Correio das Artes

Ano I Número 14 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 26-6-1949



Um Intérprete de Eça

BRAULIO DO NASCIMENTO

O CULTO de Eça de Queirós no Brasil, que teve início, verdadeiramente, com a famosa crítica de Machado de Assis a "O Primo Basílio", em 1878, veio num crescendo através desse meio século e tanto decorrido até culminar no Livro do Centenário, organizado por Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis, em que colaboraram cerca de quarenta e cinco escritores nacionais e estrangeiros. E o culto prossegue, sua obra continua a merecer a atenção do público e dos intelectuais, velhos e novos, que, apesar das inúmeras correntes literárias surgidas neste cáustico século XX, ainda não esqueceram o escritor do século passado, como é o caso, entre os últimos, do Sr. Constantino Paleólogo que se estreia no terreno do ensaio, como o fizera Alvaro Lins em 1939, justamente com um livro sobre o romancista português. (1).

A crítica de Machado de Assis, todavia, a par do ponto de referência que representa no tempo, deve ser considerada como das mais justas e penetrantes. Foi severa, é certo, fugiu mesmo à medida machadiana, mas aproveitou

mos a oportunidade para dizê-lo) não chega jamais a ser "má vontade para com um colega português", como escreveu José Maria Belo em seu "Retrato de Eça de Queirós", porém, o reconhecimento imediato de seu valor e o receio de vê-lo entregue aos riscos da escola que abraçara. E é tão patente a honestidade de sua crítica e o seu conteúdo de verdade, que não só chamaria a atenção do romancista luso, senão que iria impressioná-lo e mesmo influenciá-lo decisivamente na orientação de sua obra; João

Gaspar Simões vai ao ponto de afirmar que "é de toda a verossimilhança atribuir-lhe a responsabilidade na alteração de rumo que se verificou na obra do grande escritor após a publicação desse romance".

Temos, portanto, os dois pontos extremos da crítica brasileira sobre o autor de "O Crime do Padre Amaro": o julgamento de um contemporâneo, em que se reflete fortemente a sua opinião pessoal, e a interpretação de um escritor da novíssima geração, reelaborada à luz da psicanálise.

SONETO N.º 9

AFONSO FELIX DE SOUZA

NÃO só a inútil espera. Ainda resta um sentido de palavras que resistiram às gargalhadas e ao gelo. São anjos boiando no lodo, canções que se salvaram do desespero coletivo. E nelas esperamos.

Um anúncio raiou na manhã, rói as paredes, incendeia as árvores crescidas na ferrugem. Olhai como se apagam os vestígios de nossos pais, e já entendemos a areia onde secaram os prantos.

Como tremem os terraços de sólidos edifícios. Os bonecos se incensam com medo, conspiram em lúgubres banquetes, e dormem com a cabeça no céu.

Vamos, que é tarde. Não sejamos uma estátua entre deuses e templos em ruínas. Canta a esperança nas mulheres grávidas. Ah, colheremos a aurora.

se. Prova material do valor de uma obra, sobre a qual se vêm debruçando várias gerações de críticos portugueses e brasileiros, sem que se exgote o seu interesse e sem que deixe de apresentar aspectos para debates e interpretações renovadas; a obra de Eça de Queirós tem o seu lugar assegurado e — para usar a frase pomposa de Camilo Castelo Branco, a propósito de "O Primo Basílio" — "há de resistir como um bronze a todas as evoluções destruidoras das escolas e das modas".

Sob certo aspecto, o melhor, sob o prisma exclusivo pelo qual foi estudado o romancista português, o livro do Sr. Constantino Paleólogo pode dizer-se que é original. Viana Moog, Antero Vieira de Lemos e João Gaspar Simões também já o examinaram desse ângulo, porém, com reservas e ponderações que não se encontram no livro do Sr. Paleólogo. Gaspar Simões, em seu monumental "Eça — O Homem e o Artista", não chega mesmo a fazer referências diretas ao mestre de Viena e muito longe está de empregar, na extensão com que o fez o Sr. Paleólogo, a gongóris

ca terminologia psicanalítica. Não lhe negamos com isto (ao livro de que nos ocupamos) o valor que é de mister reconhecer, lhe, como esforço de interpretação, mas não encontramos no autor a serenidade imprescindível em trabalhos desta natureza.

Ora, o Sr. Constantino Paleólogo — e aí está a nosso ver o seu maior erro — deixa-se dominar, escravizar mesmo, pelo método psicanalítico e daí os absurdos e as contradições em que desliza, menos por falta de perspicácia e agudeza crítica, que pelas falhas originadas do exagero a que levou a aplicação do método adotado. Vemo-lo muitas vezes como que a repuxar uma fazenda, num esforço inaudito para cobrir determinado volume, impossível de aí conter-se: o resultado é o esgarçamento do tecido em vários lugares, que ele é obrigado a tapar, a remendar, para con-

cluir a cobertura, uma vez que já não a pode abonar. Daí o artifício de muitos trechos de seu livro, o arranjo inverossímil e — digamos logo — irrisório. Encontram-se frequentemente ilações absurdas, de que se admiraria o próprio Freud, também de si grande imaginativo, como já o provou a faria, entre outros, Almir de Andrade no seu "A Verdade contra Freud". O Sr. Paleólogo dá a transparecer que se deixou fascinar pela gazua em que transformaram a psicanálise para desvendamento e explicação de todos os atos humanos. O próprio mestre de Viena, receoso do desregramento a que se podiam atirar os discípulos, na posse de tal instrumento, dizia no seu estudo sobre Leonardo da Vinci: "il nous faut bien reconnaître que la nature de la capacité artistique nous est inaccessible du point de vue psychanalytique".

Uma coisa é explicar a obra pelo autor, e outra, perigosa e grandemente falível quando se dirige à psique, é explicar o autor pela obra, principalmente no caso de um Eça, cuja infância, que naturalmente terá influido em sua concepção da vida e forçosamente se refletido em seus livros, tão obscura é e tão pouco conhecida que chegou a provocar discussões quanto ao local e data de seu nascimento. Os chamados fatos significativos, de que tanto se valem os intérpretes psicanalíticos é a maior fonte de erros pelas afirmações categóricas a que conduzem. E arriscado dar importância exagerada a fatos mínimos da obra de um escritor (sem que isto implique evidentemente em desprezo total) porque ele lança mão de todos os recursos que lhe possam dar verossimilhança à história, acrescentar-lhe a dramaticidade, enfim, conseguir o que deseja. E é desnecessário lembrar o contingente de fatos estranhos ao romancista que lhe vêm em auxílio da realização desse intento originados de leituras, observações, reminiscências, etc. São o que se poderia chamar os pequenos atos gratuitos do romancista, com interesse meramente local e momentâneo, pois nada mais são que recursos tomados de improviso, sugeridos até pelo voar de uma mosca ou de uma frase ouvida. Não nos ocorre melhor ilustração que o expediente a que Kafka recorreu n' "O Processo" para dar maior dramaticidade, melhor, para enredar mais José K., quando este recebera por telefone aviso de que no domingo próximo deveria comparecer ao interrogatório. Mal ele assume o compromisso, de que pretendia guardar segredo, aparece-lhe por trás, como um deus ex-machina o diretor adjunto que o convida para um passeio de iate no mesmo domingo, o que ele naturalmente recusa, dando-lhe uma desculpa qualquer. E

o romancista adiciona, suplementa: "era quase um acontecimento, pois esse convite do diretor com quem nunca se havia entendido muito bem representava por parte de seu chefe uma tentativa de reconciliação, etc." E dizendo-lhe José K. que marcará o encontro sem determinar a hora, aconselha-o o diretor a telefonar de novo, ao que ele retruca não haver importância, "embora esta afirmação diminuísse o valor já insuficiente da desculpa anterior". Percebe-se claramente a natureza assessoria (posto que psicológicamente tão importante) e gratuita desse episódio e a intenção do autor de incluí-lo.

Balzac, no prefácio — se não nos falha a memória, da segunda edição d' "A Mulher de Trinta Anos" — explica, naturalmente sem usar a palavra gratuidade, o direito de incluir um episódio (o que culminava com o rapto da filha do casal) que a crítica julgou inteiramente forçado e deslocado. E' muito comum o romancista improvisar certos trechos, que figuram costelas na coluna vertebral do romance, para assenhar determinada situação sobretudo psicológica, para reforçá-la, se nos expressamos bem. Por aí se vê o valor relativoíssimo que têm e a que absurdas conclusões pode levar a confusão deles (meros assessorios) com os fatos de real importância. Poderíamos apontar muitas vezes tal coisa no livro do Sr. Paleólogo, como o exemplo, da página 135: "E' interessante observar que o traço predominante do personagem que representa o consciente do autor é a irreverência. João Eduardo, Julião e João da Eça (note-se que o J é a inicial de todos esses nomes e que o do romancista era José Maria)..." (2) E' verdadeiramente ridículo — é o qualificativo que lhe temos de dar, embora a contragosto — a re-

(Continua na página 12)

A União

Fundada em 1892 Patrimônio de Estado
Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

COLABORADORES

A. Accioly Netto, Aderbal Jurema, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Brayner, Antonio Franca, Bandeira Tribuzzi, Bezerra de Freitas, Brito Broca, Carlos Romero, Celina Aguirre, Celso Otávio Novais, Clovis Assumpção, Clelia Silveira, Clovis Moura, Cyro Pimentel, De Castro e Silva, Djacir Menezes, D'Almeida Luna, Edmar Fonsêca, Edson Nery da Fonsêca, Enrico Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Leanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, João da Veiga Cabral, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonsêca, José Lins do Régio, Juarez Batista, Léo Ivo, Lucila Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Malaquias Abrantes, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Manuel Diégues Junior, Maria da Saudade Cortezão, Nice Figueiredo, Nilo Pereira, Orlando Romero, Otto Lara Rezende, Péricles Leal, Raul Lima, Reinaldo Moura, Sosigenes Costa, Tulio Hostilio Montenegro, Van Rogger, Wilson Chagas e Wilson Martins.

ILUSTRADORES

Arnaldo Tavares, Arpad Szenes, Augusto Reynaldo, Carlos Thiré, Cicero Dias, Fayga Ostrower, Helio Feijó, Hermano José, J. Lyra, Ladjane, Pancetti, Santa Rosa, Van Rogger, Yllen Kerr, Wilson Rodrigues, Woller e Zuleno Pessoa.

Depoimento Sobre a Antropofagia

RAUL BOPP

A "ANTROPOFAGIA", como se sabe, foi uma das correntes mais vivas e características do movimento modernista. Foram seus líderes e representantes Tarsila, Oswald de Andrade e Raul Bopp. Coube a Raul Bopp escrever o poema-típico da "Antropofagia", o poema "Cobra Norato", tão expressivo de uma época e tão famoso ainda hoje quanto "Macundina" ou "Essa negra Fulô"... Mas Raul Bopp não é apenas um dos nossos melhores poetas e escritores, é uma personalidade humana das mais curiosas e originais, tão afirmativa na vida como na literatura. Viajou meio mundo ou o mundo inteiro; movimentou-se numa atmosfera de aventuras e realizações; fez o "Correio da Ásia"; enriqueceu-se de idéias e experiências. Agora, estando no Rio, Raul Bopp escreveu para o "Correio da Manhã" uma página do maior interesse, com a sua interpretação do que foi "Antropofagia". Será sem dúvida um depoimento de significação para a história literária.

* Chefe do movimento foi Tarsila. Osvaldo ia na frente; irreverente e agressivo, naquele solecismo social de São Paulo, foi elemento de resistência. Pôs a Antropofagia no cartaz, com uma técnica de valorização.

Tarsila na sua simplicidade semeava idéias. Queria um retorno ao Brasil na sua ternura primitiva. A flecha antropofágica indicava nova direção.

— Vamos descer à nossa pré-história. Trazel alguma coisa desse fundo imenso atávico. Cataramos totêmicos. Remexer raízes de raça com um pensamento de psicanálise. Desse encontro com as nossas coisas, num clima criador, poderemos atingir a uma nova estrutura de idéias. Solidários com as origens. Fazer um Brasil à nossa semelhança, de encaixamentos profundos.

O homem da caverna se repete. Vamos reunir uma geração. Fazer o nosso "Contrato social". A mocidade está desorientada, perdendo tempo num esnobismo cultural. Secou a alma nos cartesianismo. Pra que Roma? Temos mistério em casa. A terra grávida. Vózes nos acompanham de longe. Arte não precisa de explicação.

O "nosso" Brasil começa lá adiante. Terra do sem-lhe-achar fim, com áreas paradas. Caboclo vai acompanhando a linha de mato. Ficam para trás cidadezinhas fora do centro de gravidade, descalças, acocoradas na aba dos morros. Casarões do velho Saint-Hilaire, com escravos enterrados nas paredes. As portas emperradas murem.

Em sábados de bruxa à noite o berra-boi, com encomendação das almas. "Creio em Deus Padre"... No belço pesado as palavras escorregam, quebrando sílabas. Bate-Pilão.

Páram moendas na área rural. O verão bebe o rio. Murçam as lavouras cansadas. Passa o cangaço escorchando a terra numa cumplicidade de sangues e incendios. Famílias se devoram na réplica das tocaias. A idade Média continua. A beira das estradas vazias resta o drama da mulher sem marido. A porta do rancho mia o gatinho magro: miséria.

No povoado, adiante, negro coroa-se de rei na porta da igreja. Desfila o Bumba-meuboi como um balet de rua, adagando um pouco a alma do Brasil. Padre Cicero manda soltar foguetes para espantar as febres.

Todo esse cozido geográfico, com dramas do sertão e heranças de mau olhado, se agita dentro das fronteiras antropofágicas. A floresta na sua brutalidade gerando mundos mágicos: árvores que engendram moças. Cobra Grande vai se casar...

Os que iniciaram o movimento preocuparam-se em chamar atenção para um Brasil diferente e ignorado, num privilégio de descobrir coisas. Fixar meridianos para um

novo Dialogo das Grandezas. Raça em que se orgulhavam de engulir um semelhante enfiado no espeto. (Qualquer coisa de honroso para a nossa pré-história).

A Arca antropofágica encaixou em São Paulo com um amplo material nativo a bordo. Urubú foi ver se as águas já tinham baixado. Não voltaram nos obituários da época.



ARIETTE ARIETA

PAUL VERLAINE — Tradução de MANUEL BANDEIRA
Ilustração de FAYGA OSTROWER

IL pleure dans mon coeur
Comme il pleut sur la ville.
Quelle est cette langueur
Qui pénètre mon coeur?

O bruit doux de la pluie
Par terre et sur les toits!
Pour un coeur qui s'ennuie,
O le chant de la pluie!

Il pleure sans raison
Dans ce coeur qui s'écoere.
Quoil nulle trahison?
Ce deuil est sans raison.

C'est bien la pire peine
De ne savoir pourquoi,
Sans amour et sans haine,
Mon coeur a tant de peine.

CHORA em meu coração
Como chove lá fora.
Que desconolação
Me aperta o coração!

Oh a chuva no telhado
Batendo em doce ruído!
Para as horas de enfado,
Oh a chuva no telhado!

Chora em ti sem razão,
Coração sem coragem.
Se não houve traição,
Teu luto é sem razão.

Certo, é essa a pior dor:
O não saber porquê,
Sem ódio e sem amor,
Há em mim tamanha cor.

Presença de Anita

JOSÉ SARNEY

S. LUIZ, Abril 49 — Mário Donato era um nome que já tínhamos ouvido "cantar" em alguma parte, contudo nenhum conhecimento de sua obra nos era dado ter. Pegamos **PRESENÇA DE ANITA** na certeza de que iríamos ler um romance vulgar, imoral, única coisa que achávamos razoável para suas cinco edições consecutivas, neste país onde ninguém lê, contando-se bem que esclarecendo não ter sentido de propaganda, o que mais fazia julgarmos ter — como somente devido ser manuseado por pessoas conhecedoras de psicanálise e adul-

tas. A capa com aquela mulher diáfana e aquele homem ao pé da escada, dava-nos a impressão de um daqueles bons dramalhões aproveitados em filmes ingleses de fantasmas, que aparecem rodopiando em cena de ápice de escada.

Impressão... puramente impressão... As primeiras páginas revelaram-nos logo um ficcionista pesado. Segurança, beleza de expressão e homogeneidade de construção. O livro de página a página impõe-se ao leitor. Anita lhe entra pela alma e vem ficar, não causando mal, porém mostrando uma alma como a de qualquer ser de existência real

carregada de pecados, pecados que não decorrem de sua culpa e tão somente de fatores psicológicos, resultando de leis hereditárias e do meio ambiente, convulsionados num pedaço de carne, exclusivamente carne.

Presença de ANITA é um livro de surpresas. Surpresas que se sucedem de uma maneira diferente na literatura atual. Após aquela primeira cena de "presente", o leitor é induzido a pensar que o autor vai usar a técnica de Huxley, aqui aproveitada e já muito apontado no nosso querido gaúcho de CAMINHOS CRUZADOS, para culminar o livro com a primeira cena. Eduardo vivo, ou talvez morto. Mas não. Depois do "presente" do passado de Anita de seus modos e etc., vem a reviravolta e o livro ganha novo "presente" com Eduardo vivo, levantando-se e sobrevivendo à tragédia, lutando por um mundo que ele já perdeu, e deslocando Anita para a lembrança.

Um grande livro deve e tem sempre seus defeitos. Presença de Anita não fugiu a isto. Um deles, o maior sem dúvida, é o exagero, exagero que fato interessante, não prejudica a obra e sim, dá-lhe mais intensidade, porém reservando a sua própria essência sua prejudicial função, isto é, arrancar a realidade das cenas. Esta intensidade também conta do autor, e ele guiado por ela, entra por um reino de símbolos, numa linguagem simbólica a que pretende dar um valor científico para análise dos atos dos personagens, mas que entretanto não passa de divagações poéticas, naturalmente estimuladas por um fator intelectual: Cintia — a angústia — a esperança — o desejo e a fuga, e ANITA, personificação de Cintia. Anita, desta maneira, sobrepos-se ao romancista. E sua presença foi indispensável a qualquer página. Não fora isto, teríamos uma Anita morta no começo do livro, sem qualquer influência no resto da obra, que nem por isto deixaria de ser um bom livro, e uma procura de uma outra Anita-Diana, fato este, do qual resultaria um romance de fatos e atos naturalmente, estreitamente ligados às suas raízes psicológicas, e não um fluxo contínuo de idéias e símbolos, reações,

mêdo e recalques, enfim, um romance da alma com o eixo num problema que constitui grande foco de infelicidade na vida real: igualdade e desigualdade de temperamento sexual nos cônjuges.

Lúcia é uma criação que não nos agrada de todo. É um personagem indeciso. O romancista vacila em sua execução, ela não é humana nem artificial. Foi feita não tendo vida própria e influenciando na vida dos seus companheiros e sim para apoiar seus desmandos e necessidades. Não tem vida nem atitude definida. E para dar-lhe uma existência e articular seus nervos, vem Augusta, um prolongamento de Lúcia, que aparece em cenas plásticas, com atitudes teatrais, sem descuido nem ao menos do chapéu de plumas (cena de Eduardo no hospital) e do batido do pé direito no chão e o sopro impulsivo na palma do chapéu.

A condição de Eduardo também é indecisa. O romancista não equilibrou bem este ponto. Deu-lhe uma característica pobre no início e elevou a sua consideração na sobrevivência para melhor desembaraço do crime, o que faz o leitor notar e sentir uma falha. — "falta técnica".

A cena do garoto que Anita prostituiu está deslocada. E se neste livro existe algo de libido está justamente nesta cena, bastante exagerada por sua vez. Se ela estivesse no princípio como característica do temperamento de Anita, estava bem. Porém naquele local, ela constitui um quisto até certo ponto inexplicável, que dá "pista" para pensarmos que quando ela nasceu teve apenas o valor de sensação, de originalidade, de observação, e não de parte integrante e inseparável do livro.

Finalmente, vem a parte final do romance. Anita morre e sua presença atormenta Eduardo que já pode viver sem uma Anita. E vem a TRAIÇÃO, a CHAVE DO SOTÃO, e uma fuga para Anita-Diana, irmã de Lúcia. Uma fuga bem arquitetada, preparada e planejada, construída com pesadas e medíadas pinceladas.

Presença de Anita é um grande livro e MARIO DONATO conseguiu fazer um romance diferente.

A FOTOGRAFIA

FRANCISCO VALOIS

A imagem ficou gravada no papel branco,
Entre as paisagens a que ficou como lembrança
[foi aquela.

O mar revólto se atirando sobre o dorso da praia,
O corpo de Silvana era um espelho escondido
Gravado na folha branca de papel.

A virgem desnuda e ingênua de cabelos soltos,
Os dedos de mortim desenhando nas areias,
Barcaças encalhadas nos sombrios trapiches,
Velas erigidas deixando rastros de espumas,
O gesto descorado do brando crepúsculo
Aquele instante ficou gravado na fotografia.

Sim! A fotografia atravessará os tempos,
Os lábios corados de Silvana num ingênuo sorriso,
Garças riscando o azul puro do infinito,
Flocos de nuvens flutuando esparsos,
Os anos serão os tempos idos,
O momento breve será eterno, retorno,
Será inacabado na folha branca de papel.

Maceió, março de 1949.



MOTIVO SENTIMENTAL

Conto de GERALDO AUGUSTO

AQUELA insônia me dava febre. Febre com delírio. As horas passando vagarosamente no tempo e vertiginosamente no espaço branco do meu peito murcha, de cabelos finos. Cavalheiro fracassado; apaixonado, irrisório de um xodó danado.

E as horas passando, o corpo encolhendo, a angustia crescendo. Risadas de bêbados, ou de guardanoturno? Eletrola fatídica do samba: "Quero voltar pra ela". Bodega barulhenta a do seu Onofre; ponto de reunião de soldado de polícia e empregadinhas duvidosas que lá pras tantas da noite dizem a patrão, não muito conhecida — "Tava na casa de minha prima... Noite confidencial de cochichos imorais e agarradinhos encabulados. Piano besto que toca Chopin e uma voz responde — Ora essa, ele nem sabe tocar "Ela foi e não voltou".

E aquele troço branco em cima da banquinha, papel chorão que já sabia de cor — "deixei minha mãe, minha doce mãe por tu e tu me paga assim com desprezo e ingratidão".

x x x

Das dores, xodó preferido que me ensinou a amar; empregado alejado de academia noturna; aprendiz de tocador de violão e jogador de sinuca nas horas vagas, terminando em bone-bôca e todos sentados, confraternizando, em torno do picadinho de porco e do bati-bati do Ponciano, preto velho que diziam ser falsa bonefeira, mas era começo de cadaverice.

Das dores que me arrasou do meu ambiente e me fez casmurro quando brigávamos e sonhador quando porta que dar para o quintal, deixava minha cabeça do sentados no batente da jovem no seu colo franzino e ela me dava cafuné,

me chamava meu homem, e eu me esquecia de voltar para casa, indo já noitinha, só nós dois, tomarmos café lá longe; esqui na sonolenta, que me levava a infância e tragava os dias — quanto o pensamento voa.

x x x

Acordei assustado com a mão na minha testa e a voz dizendo — Ele está com febre. Me dá a Cassia Virginica, vou lhe dar uma dose. Sabia que tan-

esborregando pela janela, pareciam acompanhar meu olhar sempre onde ele estivesse.

Na esperança de afugentar aqueles dançarinos diabólicos fechei os olhos cansados e doloridos, mas nada consegui. Surgiram bolinhas de fogo que se iam diluindo e formavam rodas gigantescas que vinha vindo, batiam nas minhas pupilas e se espargiam como fogos de artifício, se transformavam

tímpanos — não poderiam terminá-la — cresceu um gigante entre elas, brandindo um chicote, brandindo... brandindo e elas que se transformam em sacis que sobem desordenadamente por todo seu corpo e ele grita amedrontado, se põe a fugir, e a medida que corre e grita vai se metamorfoseando em cordeiro malhado que bala assustadoramente.

Virei-me gemendo. Toda a cena foi virrida por uma



Ilustração de DI NAVARRO

ta andarela e pouco comer dava nisto.

— Vamos filho, te senta. Ajuda Bonifácio.

— Pronto Marocas. Pronto. Arrel!

Depois do remédio e sob a quentura do lençol, uma lassidão gostosa e reconfortante percorreu meu corpo e aquela nevoa que me envolvia — fruto do meu estado — culpa da luz velada; via sombras dançando no teto, nas paredes,

em dezenas de outras que formavam imagens, como a daquela mulherzinha de braços abertos, numa coreira louca na ponta dos pés, cabelos soltos; branco o tronco e negro as pernas; envolta em finíssimo filó. Pensei alcançá-la. Extendí os braços em ânsia porém ela se diluiu em pontinhos: preto e branco; crianças de mãos dadas a cantarem uma ciranda estridente que me feria os

imensa planície de relva azul. Pús as mãos sobre os olhos cansados de luz e avistei um ponto que me acenava alegremente; comecei a correr, não como se estivesse com medo, mas com a leveza e graça de um animal bravo. Tudo era primavera. Quanto mais corria mas o pontinho alegre se distanciava: horizonte longínquo. Enfadado parei. Ouvindo correr manso e cantando,

notei um regato. Olhei em volta assustado. Até há pouco não existia nenhum regato?! Isto era obra de um mágico! Sim, de mágico! Procurei ansiosamente. Devia estar por perto. Corri, gritei, mas nem o éco me responde. Senti passos ao longe. Voltei-me e divisei um monte. Não me surpreendi, mas... ele era cabe-ludo e uma careca no ci-mo! Horrível, pensei. Os passos ressoavam mais proximamente. Pús as mãos sobre o coração e depois nas fronteiras. Coração pa-rado fronteiras frias. Que suor úmido! Pegava como cola. E no cimo... no ci-mo da careca daquele monte horrível, aparece-ram orvoras gigantes que marchavam rítmica-mente em minha direção, braços esgolinados — don-de, donde primavera e outo-ño?! — como se quizessem me sufocar. Ajoelhei-me chorando. Quis me levantar para correr, não pude. Por que? Olhei para os meus pés horrorizados. Minhas lágrimas haviam formado uma poça e esta agora nada mais era do que areias movediças.

Soltei um grito estrangulado e acordei gemendo.



Desenho de LEONARDO LEAL

BALADA

Nertan Macedo de Alcantara

OS CANTARES DO INFANTE
FIZERAM SORRIR O REI
OS CANTARES DO INFANTE
AEMUDECERAM A RAINHA
O REI SORRIA
A RAINHA ORAVA,
O INFANTE CANTAVA,
O REI PERDEU A VIDA
NUMA CAÇADA REAL,
NUMA NOITE MUITA FRIA,
OS SERVOS ADOR-
MECERAM,
OS GUARDAS
ADORMECERAM,
O INFANTE NÃO DORMIU
AI MORREU A RAINHA
OS VASSALOS
ACORDARAM
O INFANTE ESTAVA REI.

Ascenço Ferreira

“NOTICIA o cronista li-
terário d'O MUNDO
que está definitivamente con-
firmada a notícia da publica-
ção, em um volume, das obras
completas de Arcenço Ferrei-
ra, o poeta de Cana Calana.
Manuel Bandeira já foi con-
vidado por Souza Barros e a-
ceitou, em definitivo, o encar-
go de escrever o prefácio para
o volume.

Do Soneto, a Vão de Pássaro...

ANTONIO GIRÃO BARROSO

SEGURAMENTE, houve um hiato na produção de sonetos, no Brasil e creio que em grande parte do mundo, com o aparecimen-to das correntes modernis-tas, provindas quase tôdas do Futurismo de Marinetti, cujo manifesto inicial data de... 1911. Depois da pri-meira grande guerra, o surto do Dadaísmo e do Surrealismo tornou mais a-
guda ainda a crise sonetís-tica — chamamos assim —, com o domínio avas-salante do poema livre, que prescindia de métrica e de rima como de “chave de ouro”. “Cria o teu rit-mo em cada momento” — ensinava-nos o brasileiro Ronald de Carvalho.

minação comum de Moder-nismo — hoje, como se sa-be, inteiramente superado — as novas tendências eliminaram praticamente o soneto pelo menos da lite-ratura séria, ficando êle apenas nas cogitações dos saudosistas do Parnasia-nismo, que já tinha por sinal sofrido os primeiros ataques dos simbolistas, para quem a poesia era alguma coisa mais do que a forma arquitetônica, ou de ourivesaria, pregada por um Alberto de Olivei-ra ou por um Bilac, êste último na verdade muito mais liberto do espartilho parnasiano do que o autor de “Alma em flôr”.

Morrera o soneto, em poucas palavras, o que

não que dizer que aqui e ali, esparsamente, êle não se revelasse em tôda a sua dignidade, assinado por um grande nome, perdido embora na profusão dos poemas livres de um Má-rio de Andrade, de um Jor-ge de Lima, de um Carlos Drummond, de um Ribeiro Couto... Mas, essa morte era apenas aparente, co-mo se verifica hoje, expri-mindo antes o perecimento, definitivo, talvez, do Par-nasianismo, que êste, sim, há muito que perdera a vitalidade, o élan, sem o qual nada pode existir re-almente. Porque, o que ve-mos agora é um verdadeiro ressurgimento do soneto, depois da apostasia mo-
dernista, ou melhor, nós

assistimos hoje ao apare-cimento do soneto que po-demos chamar de moder-no, muito mais próximo, aliás, da antiga feição clás-sica do que dos ensina-mentos de Leconte de Lis-le. A velha medida surge novamente, mas desta vez liberta, por assim dizer, dos prejuízos de todas as escolas, diferente portanto do conhecido até aqui. Quando muito, podemos falar em neo-classicismo em relação a êle — como fe-nômeno novo — mas mes-mo êsse neo-classicismo não o prejudica na sua vontade de poesia, na sua vocação poética a Rim-baud, muito acima de tô-dos os parnasianismos da

"Na Espadana Branca"

PINTURA PARAIBANA

Este suplemento vem divulgando com bastante amplitude os novos valores da pintura paraibana. E a repercussão que esses trabalhos estão tendo, lá fora, é a melhor possível.

Dos valores até agora apresentados, Hermano José destaca-se como uma das vocações mais promissoras de artista. Os seus trabalhos não passaram despercebidos. Muitos têm sido os comentários elogiosos à sua arte, que revela originalidade e inspiração.

Olhando-se para a pintura desse jovem artista conterrâneo, entramos em contacto com uma arte cheia de muito sentimento e espontaneidade.

Quem conhece Hermano José, nota a semelhança que há entre o autor e a sua obra. Ambos estão identificados nessa pintura repassada de tristeza e melancolia. Os temas tratados por ele não têm nada de alegre, de vivificante, de dionisiaco. Quadros como VENCIDA, FUGA, refletem antes um artista inadaptado à vida dos nossos dias e que procura retratar fielmente a angústia e o desespero do espírito humano.

Hermano José é antes de tudo sincero com a sua arte. Nada de artificialismo em seus trabalhos.

A inspiração desse jovem artista paraibano distancia-se muito das paisagens alegres, das cores vivas, da luminosidade radiante. Volta-se mais para a paisagem sombria, para as meias tintas, mais de acordo com o seu temperamento.

Constitui sempre uma vitória para este suplemento quando consegue revelar um autentico valor da provincia como o caso desse pintor que ao sair da monotonia do trabalho bancário, metido com calculos e burocracia, refugia-se no seu atelier entregando-se inteiramente à sua arte. — CARLOS ROMÉRO.

PINTOR PIERRE GAURRAUD

CLUBE DO CINEMA

ESTEVE de passagem por esta capital o pintor francês Pierre Gaurraud, o qual realizará, brevemente em Recife, uma exposição de seus últimos trabalhos.

O pintor Pierre Gaurraud, que é um nome bastante conhecido nos meios culturais da França, fará, antes de seguir ao sul do País, uma exposição em João Pessoa, que, decerto, despertará interesse entre nós.

Quarta-feira passada, o artista europeu esteve em visita à redação deste jornal, mantendo-se em palestra com os redatores presentes.

VISITARA O RIO

A IMPRENSA do Recife noticia a visita do escritor Albert Camus, àquela capital, no dia 27 do corrente. O autor de

LA PESTE (considerado por Maurício o maior romance francês de após guerra) realizará uma série de conferencias, ali na

O CIRCULO DE ARTE MODERNA, de Florianópolis, Santa Catarina, que edita a conceituada revista dos novos SUL, acaba de fundar o seu Clube do Cinema, que visa, como as demais entidades congêneres do País, propagar pelo estudo, maior interesse e divulgação do cinema arte.

A diretoria do referido clube, em caráter provisório, é a seguinte: Presidente — Sálvio de Oliveira; Vice-presidente — Walter Wendhausen; 1.º secretário — Ody Fraga e Silva; 2.º secretário — Layla Freysleben; Tesoureiro — Armando S. Carreirão; Diretor de Publicidade — Salim Miguel.

O Clube do Cinema, que será inaugurado este mês, apresentará O IDIOTA, de Dosztoiewski, considerado obra-prima da moderna cinematografia francesa.

Endereço do Circulo de Arte Moderna: Caixa Postal 384, Florianópolis — Santa Catarina.

"CHAMADO DO MAR"

AS livrarias estão apresentando em suas vitrines o livro de estreia do jovem escritor James Amado. Trata-se de um livro psicológico, onde se conta a história de um homem em conflito com a natureza.

"A VIDA DE JOAQUIM NABUCO"

A ESCRITORA brasileira Carolina Nabuco vai ter o seu livro A VIDA DE JOAQUIM NABUCO traduzido pela Universidade de Stanford, na Califórnia, como contribuição às celebrações, este ano, do centenário do grande escritor e estadista nacional.

"ESCOLHI A LIBERDADE"

O CINEMA norte-americano vai filmar o livro ESCOLHI A LIBERDADE. Esta notícia vem despertando o mais vivo interesse, por se tratar de um forte libelo contra a doutrina comunista.

"CONFIDÊNCIAS DE DONA MARCOLINA"

GALEÃO COUTINHO, apreciado escritor brasileiro, acaba de lançar mais um livro: CONFIDÊNCIAS DE DONA MARCOLINA, o qual vem obtendo muito êxito. A propósito destacamos o seguinte comentário da imprensa sulista: "O autor popular que criou, ou, melhor, retirou do seio de uma humanidade bem viva e real, os tipos de Vovô Morungaba, Eunápio Caximbo, Vitorino Lapa e Simão o Caôlo, o escritor pitoresco e dramático, ao mesmo tempo, que é Galeão Coutinho, oferece agora a história da mulher de um daqueles tipos. Tal como nas "Memórias de Simão, o Caôlo", este depõe sobre a mulher, esta contra a própria vida e a do marido em "Confidências de dona Marcolina".

O estilo dessas páginas é, sobretudo, o fiel apanhado da linguagem popular em São Paulo, tornando o livro especialmente agradável e curioso.

Lançou a Coleção Saraiva na sua linha de 40 mil exemplares."

PRISIONEIRO DO SONHO

GEORGE MATTOS

CAMINHAR SOBRE DESESPERANÇA
E SOMENTE ENCONTRAR MÃOS AMIGAS
E OS OLHOS DAS MULHERES COBIÇADAS
NA HORA ULTIMA DE TODOS OS DESEJOS
NA HORA ULTIMA DO MUNDO
AUSENTE DO MUNDO DESEJADO

O QUADRO ESQUECIDO DE TERNURA:
MÃOS QUE SE FORAM CRISPADAS DE AMOR
E PERDERAM-SE NA PERVERSÃO DE TODOS OS ENCONTROS
NA IMPOSSIBILIDADE DE FUGIR AO SONHO
E MATERIALIZAR O CORPO
QUE AFOGA TODOS OS SENTIMENTOS.

PERDER-SE DE NOVO NA ROTINA SAGRADA DOS PECADOS
E RENASCER PARA DEUS, SUCUMBINDO AOS HOMENS.

O Feijão e o Sonho

SALDANHA COELHO

E DITADO pela Coleção Saraiva, como seleção de abril, reaparece em terceira edição o livro de Origenes Lessa, "O FEIJÃO E O SONHO", que obteve em 1938 o Prêmio Antônio de Alcântara Machado. Se falta ao livro desse escritor paulista a estrutura de romance, como o pretende ser na sua página de rosto, nem por isso perde o mérito de um bom trabalho de ficção. E o gênero em que incluiríamos o "O FEIJÃO E O SONHO", seria, sem dúvida, sob o ponto de vista da contenção e extensão da obra, a novela.

Narrando o drama do escritor pobre, que vive entre o sonho do ideal e as realidades dos problemas da família, Origenes Lessa nos dá uma excelente mostra de suas possibilidades como ficcionista, ao criar o seu personagem modular, o poeta Campos Lara, "Juca" para os íntimos, que nos fica na lembrança como uma autêntica reprodução do escritor comum dos nossos dias, presa de sua drama, de suas dificuldades, ao mesmo tempo que indiferente a eles, porque é preciso esquecer os para superá-los. Displicente com as necessidades que lhe gritavam diante dos olhos, sem a vergonha de Maria Rosa, no seu eterno esquivar dos credores, Campos Lara é um obstrato de Capinzal, um professor

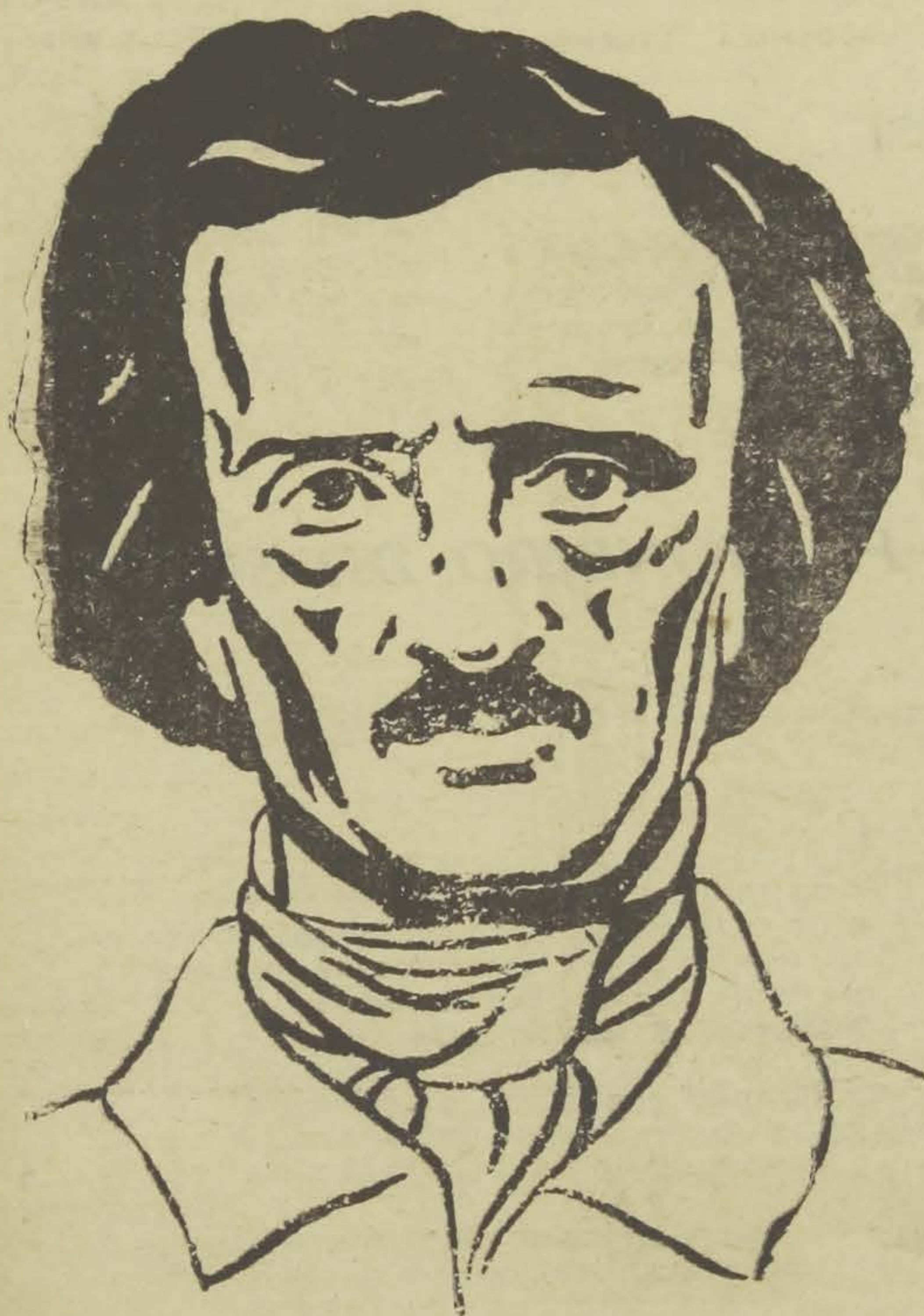
de escolhinha falida. De posse da indenização que lhe pagaram no jornal onde trabalhara, preferiu esbanjá-la na compra de uma estatueta de arte a comprar um xarope barato para o filho, estourando de bronquite, aos rancos, interrompendo o curto sono da pobre Maria Rosa.

Na escolhinha, que principiava a progredir, "Juca" entretinha toda a turma com enormes contas de multiplicar e cuidava de ver os últimos versos do seu aluno predileto, o Haroldo. O resto que se amolasse, que se divertisse com os cálculos de aritmética. O resultado da pedagogia de Campos Lara foi a saída em massa dos meninos, a sala vazia, com o poeta Haroldo e o Bastião, aluno gratuito.

E muitas outras situações que bem definem a atitude do personagem central de "O FEIJÃO E O SONHO", alinham-se na novela, dentro do espírito de humor de Origenes Lessa, tão elevado quanto espontâneo, tão cativante quanto permanente. E ao lado dele, que é parte indelével do todo homogêneo da novela, vivem tipos comuns, porque humanos, e raros porque inconfundíveis.

P O E M A

CARMEM DE ARAÚJO LIMA



S ER uma árvore da mata
Carregada de flores e de frutos
galhos distendidos
segurando ninhos
dando sombra e conforto
ao viajor extenuado
das longas caminhadas,
ser uma árvore da mata
zombando das intempéries e do tempo
forte, rija, possante,
a coma da cabeleira desgrenhada ao vento
banhada no orvalho das madrugadas rosadas,
no oiro fosco dos crepúsculos de fogo,
ou na luminosidade doce das noites de veludo,
viver longe dos homens maliciosos
e de outros angustiados, atribulados,
que carregam nos ombros
o peso de uma vida árdua de afetos,
despida de sonhos, vazia de ilusões...
Quisera ser esta árvore
até sair de mim mesma
e deixando-me abater pelo machado do lenhador
fazer-me em achas
para arder na lareira humilde do pobre
e consumir-me toda
aquecendo as vidas mais frias do que a minha



CORREIO LITERÁRIO

Duas Estréias Poéticas

WILLY LEWIN

"NÃO é com idéias que se faz um poema e sim com palavras" — disse Mallarmé a Degas. Esta lição é fecunda e permanente, mas talvez esteja sendo tomada muito ao pé da letra pelos nossos poetas mais jovens, nos quais vislumbramos, por vezes, uma certa confusão entre o valor da palavra ou da imagem e o puro virtuosismo. É como se confundissemos um bailarino de patinadores acrobáticos, espetaculares e perfeitos nas suas evoluções, e um ballet com este admirável "Le Jeune Homme et la Mort", a que acabo de assistir no Municipal, sob a alegação simples de que a linguagem do bailado é o ritmo dos movimentos e das atitudes.

Estas divagações me ocorrem a propósito do "Caderno de Poesia" do sr. Nertan Macedo de Alcantara (Editora A Noite, Rio 1949, cuja voz ainda não me parece suficientemente isolada para que a sintamos ressoar após a leitura dos poemas. Há aqui, sem dúvida, qualidades inegáveis e não hesitamos em recorrer ao clássico lugar-comum da estréia promissora. A realidade, porém, é que já estamos um pouco fatigados com a repetição de fórmulas e de tiques a exemplo desses "buscai Adalgiza", desses "caminhantes de terras diferentes" — e quando o poeta nos diz peremptoriamente que "urge adormecer", temos vontade de perguntar: — Por que?

Todavia, composições menos "arbitrárias", mais diretas e comunicáveis, como "Noturno de Santa Teresa", "Poema de Copacabana", "Sinfonia n. 5 de Beethoven" e, sobretudo, os sonetos brancos "A Mar, ta Willis" fazem nos presen-

sentir a poesia que existe no sr. Nertan Macedo de Alcantara e que pode realizar-se, em breve, de modo pleno.

Ao mesmo tempo, chegamos do norte um outro poeta estreante: o sr. Edson Régis, com "O Deserto e os Números" (Edições Orfeu, Rio, 1949). Este sabe que se a poesia é feita de "idéias" e deve ser "artística", é, contudo, o resultado ou a revelação transfigurada de experiências tornadas "sangue, olhar, gesto", como queria Rainer Maria Rilke.

"Subtamente saio dos meus planos e me perco entre a vida e a fábula..."

Esta não é uma "terra

de ninguém"; é, precisamente, a zona da poesia e nela é que o sr. Edson Régis, ao invés de perder-se, entra em comunhão imediata conosco. Uma estréia invulgar.

— X —

"O DRAMA DE JEAN BAROIS" — Roger Martin du Gard (tradução de Vidal de Oliveira) — Editora Globo — Jean Barois ou a atmosfera intelectual e espiritual dos fins do século passado. Este é que se convenceu chamar um "romance de idéias" O drama de uma consciência entre a fé e o "livre pensamento". A "evolução" de uma inteligência. A vitória da "racionalis-

mo" contra a religião. Como se vê, estamos evocando o próprio vocabulário típico do século XIX. E, sem dúvida, Roger Martin du Gard permanece um representante dessa época e dessas idéias. Contudo, um representante mais complexo do que poderia parecer à primeira vista, ou, seríamos dizer O ceticismo de Martin du Gard de "Jean Barois" volta-se, simultaneamente, para a religião e para o tipo do racionalismo que levou o seu personagem a afastar-se dela, o que faz com que o livro se torne ainda mais perigoso, sutil e perturbador. Quanto à composição literária, trata-se indiscutivelmente de um romance invulgar e dos mais expressivos, a despeito, ou talvez por causa da sua narração brusca e descarnada em forma de diálogos e breves indicações de cenas e de atitudes.

— X —

"BIMBI DA GROELANDIA" — Edições Melhoramentos. — O elefantinho de brinquedo criado por Estrid Ott vai desta vez para a Groelândia em companhia de um cientista que se dedica a tratar dos pequenos esquimãos. Basta isto para indicar que as presentes aventuras de Bimbi constituem não apenas diversão para as crianças como também fornecem conhecimentos geográficos e outros elementos pedagógicos. As traentes ilustrações de Marie Hjuler enriquecem o texto deste volume, da "Melhoramentos", dedicado ao público infantil.

— X —

Para remessa de livros e informações literárias: Rua Nascimento Silva, 137, apto. 202, Ipanema, Rio. (Novo endereço).



LADJANE é sem dúvida uma das mais autênticas vozes da pintura. Artista jovem ainda, Ladjane esteve ultimamente no Rio, onde fez um curso de especialização, dedicando-se às xilogravuras. Reproduzimos acima uns dos seus últimos trabalhos.

Revista Branca

JOSÉ CONDE

S E alguém deseja iniciar uma publicação literária no Brasil — revista ou jornal, pouco importa — logo de saída receberá este conselho nada animador:

— Deixe isto de lado. Você vai se arrepender.

E' que a experiência de outros (de muitos outros) sómente deixou uma amarga desilusão. O público não quer saber de revistas literárias; histórias policiais e anedotas picarescas encontram mercado mais acolhedor.

Mas o nosso idealista só dá crédito ao próprio sonho.

Vai ao editor e pede um anúncio, pois ele sabe que em nenhuma hipótese poderá contar com a propaganda do fabricante de perfume ou de marmelada.

Entretanto, a resposta do editor é sempre esta:

— Não, não é possível. A tiragem do livro nacional é insignificante. Mesmo vendendo toda a edição ainda tenho prejuízo. Como posso anunciar?

O rapaz não cruza os braços. Bate noutras portas; faz empréstimo aos amigos. Fareja a tipografia que também está começando e que por isso mesmo cobra um preço razoável; compra o papel de qualidade inferior, telefonando a um e a outro angariando poemas, artigos e ilustrações. Quando ninguém mais acredita, eis a revista na rua. O curioso adquire seu exemplar por dois cruzeiros e ao folhear

lo ainda fresco de tinta, estão longe de imaginar o que o mesmo representa em sacrifício e esforço.

Eis, em resumo, a história da REVISTA BRANCA; de tantas outras revistas que na sua maioria o público ignora. E todavia a persistência e o amor pelas letras se traduzem muitas vezes em milagre. Explica-se, assim, o feito da REVISTA BRANCA, que viu passar outro dia o seu primeiro aniversário. Sats numeros. Cada uma melhor que o outro. Renovando-se sempre na colaboração e na feição gráfica. E, paralelamente, inventando por novos caminhos, fazendo uma edição dedicada a Proust, dando-se

ao luxo de fundar uma pequena editora para o lançamento de jovens autores.

Não foi por simples cortesia que alguns dos nossos maiores escritores vieram publicamente saudar REVISTA BRANCA e seus dirigentes Saldanha Coelho, Haroldo Bruno, Bráulio do Nascimento e Rocha Filho. O mesmo dizendo-se do jornal suíço "Die Tat", que há duas semanas estampou um artigo enaltecendo o feito daqueles jovens.

A REVISTA BRANCA é em o exemplo da vontade e da capacidade de uma geração que se vai afirmando através de livros de poesias, romances e contos, e também de revistas que dia a dia estão surgindo nos mais distantes recantos do nosso país.

Inflação Poética?

ADERBAL JUREMA

NÃO se deve confundir a verdadeira poesia com essa outra coisa que está por aí inundando as redações dos jornais e atrapalhando o senso crítico dos responsáveis pelos suplementos literários. Na verdade, os diretores de suplementos não só do Recife, como de outras capitais do país, estão sendo atogados num mar de originais de pseudo-poesia que lhes chega diariamente pelo correio, por mão própria e pelas mãos dos amigos. O pior, nessa superprodução de poemas, sonetos e baladas, é que não se aproveita cinco por cento nem do verso livre e nem tampouco da metrificação. Todo-mundo (virgula) perpreta o seu sonetinho, o seu poeminho e quer vê-lo publicado de qualquer maneira, sem que seja na página dos anúncios de alcauer de carvão.

Já um dia desses através do Jornal do Comércio, nós advertimos à jovem geração da necessidade de não se perder em compôr poemas que não

são sentidos unicamente pelo prazer de dizer que está fazendo versos. E citamos o prudente e útil conselho de Rilke a respeito da criação poética. No



Retrato de moça — MANET (Museu de Lyon)

entanto, poucos, muito poucos foram os que fizeram o seu exame de consciência: — se escreviam por uma necessidade imperiosa de criar ou se aliam-vom as palavras somente pelo prazer de se candidatar ao título de poeta. De qualquer maneira não é possível que continuemos a transigir com esses teimosos que num concurso do DASP não chegam nem a escriturários. Infelizmente não se pode fazer exames e nem concursos para se dar o título de poeta aos que vivem investindo diariamente contra a redação dos jornais e ameaçando todos nós de um naufrágio nesse mar de águas turvas onde a poesia já mais brilhou.

Por isso mesmo a poesia anda humilhada e poetas, como Mateos de Lima, não têm coragem de publicar mais nada, porque do jeito que a coisa vai nós terminaremos afogados nesse mar espúrio, como os pobres vítimas das enchentes na terra das Alagoas.

Notas Soltas

VERISSIMO DE MELO

AMOR DE VIUVA

AFRANIO PEIXOTO conta, a propósito de viúvas, no seu livro "PARÁBOLAS", p. 137, um episódio curioso. Convém que as gerações de hoje e amanhã tomem conhecimento do fato. Ninguém deve acreditar muito em amor póstumo. O caso de Dona Mariquinhas Tinoco é típico.

Diz Afranio que essa senhora era "uma viúva exemplar". Sofreu tanto com a morte do marido, chorou tanto e ficou tão inconsolada, que resolveu mandar fazer um boneco de madeira, com os traços do esposo, e com ele dormia em sua cama de casal. O boneco, para todos os efeitos, era o "Sinhô", tratado assim pela viúva e a criadagem.

Certo dia, o dr. Julio Miranda começa a frequentar a casa da viúva. Nasceu, entre os dois, uma simpatia, porque amor não é palavra adequada à gente de certa idade... Toda tarde o dr. Miranda ia tomar o seu "café quentinho, feito na hora..."

Uma ocasião, a criadinha de confiança aproximou-se da dona da casa para uma comunicação urgente:

— "Sinhá... lenha acabou... Moleque ainda não trouxe hoje..."

E Dona Mariquinha, que mais tarde casaria com o dr. Miranda, refletiu um instante e ordenou, com um risinho, ao ouvido da escrava:

— "Bota 'Sinhô' no fogão!"

Este o episódio.

E comenta Afranio Peixoto, com a experiência que tinha da vida e dos livros: "As viúvas mais inconsoláveis são as que se consolam primeiro: recasam. É a privação que

brada aos céus e é logo atendida."

Amor de viúva... Coisa problemática.

OLHO DE BOTO

NA tradição da feitiçaria brasileira, o olho de bôto "preparado" goza de grande prestígio popular. Dizem que a pessoa que consegue um olho daquele peixe, querendo, conquista qualquer mulher. Não há mocinha que escape diante de um homem que olha para ela através de um olho de bôto daqueles.

Conheço pessoas em Natal que encomendam "olho de bôto" aos pescadores, para fazer feitiço, conquistar as meninas e arranjar casamento.

A respeito de olho de bôto, conta José Carvalho, no seu livro "O MATUTO CEARENSE E O CABÔCLO DO PARA" uma anedota que eu considero genial na espécie. Luis da Câmara Cascudo citou-a no verbete "Bôto", do seu DICCIONARIO BRASILEIRO DE FOLGLORE, obra inédita. Está a anedota à página 61 do primeiro livro mencionado: "Um cabôclo, no porto de Alenquer — diz José Carvalho — foi a bordo de um "goiôla" (vapor) vender seu "olho de bôto", preparado com todas as regras do rito do "pagé". E ofereceu-o ao comandante.

— Para que serve? — perguntou este.

— Ora, "seu" comandante, para amores!

E explicou:

— É só olhar para a

"pequena" por esta cajila e ela fica logo entregue.

O comandante pegou no "olho de bôto", e, sem segunda intenção, ocasionalmente, olhou, por ela, para o cabôclo.

E este, se remexendo todo, sorrindo, revirando os olhos, voz afeminada, exclamou:

— Deixe disso, "seu comandante!"

E concluiu José Carvalho afirmando que diante dessa evidencia, dessa "prova fulminante", o comandante comprou a "cajila", e comprou-a caral".

Vejam de que é capaz um vendedor ambulante: Muito acima da dignidade ele coloca o prazer de fechar o negocio. Um homem desses não morrerá de fome em parte nenhuma do mundo...



lação descoberta pelo Sr. Paleólogo.

Um dos maiores perigos, não já do instrumento — método psicanalítico — mas do emprêgo que fazem os que o usam, é a aceitação, sem o necessário exame, de certas relações e correspondências que se lhes depa-ram e que julgam incontestáveis. E' tornar-se a nuvem por juno. Chega-se ao cúmulo da despersonalização do crítico, o método apaga-o quase que por completo, há um nivelamento e a distinção individual parece que se reduz à coragem das afirmações. O ensaísta, o crítico ou quem quer que seja que se empenhe na explicação de um autor deve, naturalmente ao lado do método que tenha adotado, entrar com o seu contingente de experiência pessoal, que de modo nenhum poderá subordinar-se a qualquer rigidez sistemática, principalmente no estudo de obras que não sejam essencialmente autobiográficas. Seria absurdo negar o valor da psicanálise como instrumento de conhecimento do homem, no que este tem de mais recôndito, mas estamos que se não deve perder de vista, sob pena de se expor a grave risco, as naturais limitações e deficiências de qualquer sistema na explicação total e categoria das coordenadas individuais.

Falamos em contradições do Sr. Paleólogo, e é preciso exemplificá-las: "Ausente a censura — diz o ensaísta na página 155 —, o impulso pode possuir Maria. A circunstância é, repetimos, importantíssima. Amaro possui Amélia quando João Eduardo, o consciente, é expulso da casa. Basílio possui Luisa quando Jorge está ausente e Sebastião não ousa interferir na vida da mulher." Não é verdade. Sebastião que, segundo o critério adotado pelo autor, é também consciente, a parte boa, a censura, tentou impedir a queda de Luisa, aconselhando-a a

UM INTERPRETE DE EÇA

(Continuação da página 2)

evitar as visitas do primo, pormenor que, de resto, o Sr. Paleólogo não podia deixar de assinalar, como o faz efetivamente na página 149. E quando ao fato de a ligação dos primos ter ocorrido durante a ausência do marido, não vemos onde a importância psicanalítica que lhe dá o autor dêste livro, pois isto nada mais é que condição mesma do romance, o enredo, por assim dizer, que Eça arquitetou (ausência que se protela quase que demasiadamente, perdendo um pouco da naturalidade e ficando mesmo a um passo do forçado) para poder realizar sua tese com a oportunidade que propicia à Luisa de cometer o adultério, resultante de sua falsa educação e do caráter de uma sociedade que ele, Eça, tentava moralizar por meio de sua sátira impiedosa.

As conclusões que o Sr. Paleólogo estabelece a propósito do episódio d' "Os Maias", deixa transparecer claramente a base artificiosa e inconsistente em que se apóia o autor para justificar suas afirmações e desenvolver sua tese. "Pedro, porém, — escreve ele — mesmo contra a vontade de seu pai, casar-se com Maria, e corta relações com Afonso porque este não deu o seu consentimento para o enlace. Da união nasceram dois filhos: uma menina e um menino. Mas depois de ter feito seu pai casar-se com sua mãe, Eça introduz um novo personagem, um italiano poeta, que é o duplo do primeiro. Com efeito, o pai do romancista possuiu sua mãe ilegítimamente e depois casou-se. Aqui os papéis estão invertidos: primeiro casar-se e depois o seu duplo tornar-se amante da mulher" (p. 130). A dedução, ou melhor, a saída final dá-nos a medida da argumentação do Sr. Paleólogo. Evidentemente

lhe teria sido melhor (ao autor do ensaio) que o italiano ou duplo marido aparecesse antes do casamento de Maria; mas ele só surge depois. Isto, porém, não chega a constituir dificuldade para o Sr. Paleólogo; são bagatelas; e ele conclui que o romancista (para despistar? — perguntamos nós) inverteu os papéis. De fato, "Os Maias" é o livro em que com menor esforço se podem encontrar relações com o autor, há mesmo trechos diretamente transpostos de sua vida, como o em que João da Eça é expulso de um baile, como o fora o autor, em rapaz, por ter sido encontrado a beijar a esposa do anfitrião. Apesar de tudo, porém, é demasiado simplista a explicação que nos dá o ensaísta, e não lhe descobrimos o cunho de verdade que ele lhe atribui.

A sensualidade de Eça parece-nos exagerada na representação do Sr. Paleólogo, que teria de ser coerente com o método, fundamentado que é este no sexo. E' certo que desde as primeiras páginas do autor d' "A Relíquia" já se sente um ligeiro sopro do sensualismo que o levava a escrever mais tarde páginas perfeitamente dispensáveis; é certo também que João Gaspar Simões, no livro citado, fala num "sensualismo profundo", mas é preciso levar isto em parte à conta da escola a que se filiou, a escola naturalista, que, posto não fosse uma escola da pornografia, como lhe denominaram alguns detratores era, sem dúvida, a que melhor lhe permitia tais liberdades. O Eça sensual não parece ter a estatura que lhe deu o Sr. Paleólogo, que refere até a "cadeias sensuais que lhe deformavam a visão dos homens e das coisas"; é mais uma atitude literária — como diz acertadamente José Maria Belo —,

uma afirmação de escola, de que um reflexo de lascívia pessoal, e — poderíamos acrescentar — um secreto gosto do escândalo.

Divergimos ainda do Sr. Constantino Paleólogo no tocante à mãe do escritor. Diz ele: "Como se vê, o romancista, a fim de preparar o posterior deslize da mulher que representa a sua mãe, dá-lhe um pai de passado extremamente equívoco, para justificar os seus próprios escrúpulos subconscientes" (p. 130). Não parece absurda a hipótese de que Eça de Queirós desejasse retratar a progenitora num dos seus livros, senão que ele tenha justamente escolhido Maria Monforte, mulher leviana que foge com o amante, provocando o suicídio do marido, fato para o qual é de admirar o ensaísta não encontrar correspondência. E isto se nos atigura tão inverossímil, reforçado que é com a "inversão de papéis" de que lançou mão o Sr. Paleólogo e a que já nos referimos, quando nos lembramos do carinho que o romancista dedicava a D. Carolina Augusta Pereira de Eça, que só tarde conheceu, afeição que se prolongou por toda a vida e, sobretudo o episódio de Leiria, contado por Alfredo de Carvalho, em que Eça é presa de verdadeiro desespero por sabê-la enferma, em Lisboa, e não ter prontas notícias a seu respeito.

Outros pontos ainda dignos de exame seria, por exemplo, a rotulação das personagens realizada pelo Sr. Paleólogo: Gíngalo Ramires (n' "A Ilustre Casa de Ramires") é o irmão que protase, André Cavaleiro, o impulso (incestuoso) do autor, Totó, a parte boa; n' "O Primo Basílio", Sebastião e Jorge são duas metades do irmão que protege. Basílio o impulso incestuoso, Juliana a censura corrompida, etc., mas é preciso concluir.

E como concluiremos? Negando completamente

(Conclue na página 15)

A Província, Essa Esquecida

Discurso de posse do escritor Lopes de Andrade na Academia Paraibana de Letras, no dia 21 de abril do corrente ano

Sejam as minhas primeiras palavras, nesta solenidade, de agradecimento pela distinção que ora me confiere esta venerável Companhia, chamando-me a participar do elevado convívio de tão ilustres, honrados e dignos confrades.

No cenário intelectual da nossa Província, nada envaldeceria mais a um pobre amante das belêzas espirituais e nada lhe poderia parecer mais desvanecedor e fantástico do que as honrarias acadêmicas, revestidas, tais como as vemos aqui, de todo o brilho e solene aparato com que em geral as emolduram a Tradição e a Autoridade.

Ao ingressar oficialmente, porém, neste cenáculo da mais alta literatura paraibana permiti-me que vos faça antes uma confissão pessoal: sou talvez o menos literato dos literatos a quem se conheça.

E isto, longe de ser um atitude superfetada ou "snob", é uma feição peculiar do meu espírito, infensa por formação à ênfase e à retórica.

Dentre as mais comuns maneiras de ser literato, desde os pequeninos e deliciosos que-fazêres da família literária em geral, como o chiste, a ironia, o esporte alegre da "finesse" e da "causerie" nos salões, até o motejo elegante e, em certos casos, mesmo o ferrenho gosto pela intriga e a vida alheia, nenhuma dessas maneiras tenho eu praticado, e nem sequer saberia razoavelmente praticá-las.

As poucas riquezas e galas do meu espírito — se ele porventura tem algumas, pois que, não sendo positivamente o espírito de um homem, como aquêle da serra de Guaiães, de que nos fala o Eça, é, sem dúvida nenhuma, o de um outro da serra dos Bodopitãs — essas poucas riquezas e galas, repito, não serão elas por certo que haverão de trazer para esta solenidade uma atmosfera de "máximo conforto" e "máxima civilização".

Asseguro-vos, porém, que trarão uma nota de sinceridade e verdadeiro amor ao trabalho intelectual — uma como que atmosfera de casa de mestres na Idade Média — humilde, mas atuante, mesmo em meio a todo o augusto filosofar e rica eloquência, que passam por ser o apanágio daquele período histórico.

Esta honrosa distinção dos meus confrades da Academia, que a recebo, portanto, despido de qualquer ênfase, ou góga literária — só e exclusivamente com o meu espírito simples de homem, vamos dizer assim, egário das serras.

E vós, homens da Cidade — para continuar me socorrendo da legendária dicotomia do Eça — perdoai-me se já não me ponho aqui suficientemente janota para deslumbrar-vos a "inteligência" e a civilização.

A pouca erudição me fragüeia o entendimento e a muita inexperiência lhe reduz a capacidade.

x x x

Propositadamente acabo de sugerir, ao vosso espírito, as imagens literárias de Eça de Queiroz. Haveria, porventura, outras mais expressivas e divertidas em toda a literatura portuguesa ou português-brasileira? Não é o Eça, por acaso, mercê de seu talento e poder de expressão verbal, o nosso máximo retratista literário, o mais genial fixador de tipos que a literatura da língua portuguesa já produziu?

As suas imagens literárias, porém, ao par do valor artístico, que todos lhes reconhecem, sabemos que têm hoje também um valor histórico e sociológico, só ele

capaz de exprimir os mais íntimos aspectos da cultura e da raça, a que pertencemos.

Já vos ouço, entretanto, dizer com os vossos botões: aqui vem mais um a falar-nos do velho Eça. Não é esta a minha intenção, asseguro-vos.

Sou de uma geração, sobre a qual Eça de Queiroz não exerceu a mínima influência. Nossas fontes de inspiração literária foram os escritores ingleses, norte-americanos e russos post-dostolewskianos. E toda, ou quasi toda a poderosa influência, que o Eça realmente exerceu sobre várias gerações brasileiras, já havia desaparecido, juntamente com a influência dos escritores franceses, a quem o Eça se filiava, quando as nossas primeiras preocupações literárias começavam a aparecer.

Reconheço, no entanto, ser verdade que, se não sentimos, como as gerações imediatamente anteriores, o poder absorvente dessa influência, sentimos, por outro lado, o constante desejo de estudá-la, de verificar-lhe a extensão e o grão de intensidade, daí tendo surgido livros, como a "História Literária de Eça de Queiroz", de Alvaro Lins, ou o "Eça de Queiroz e o Século XIX", de Viana Moog, e tantos outros da mesma espécie.

A geração a que pertenco foi, deste modo, atraída apenas pela simples interpretação, pelo aspecto crítico da obra de Eça de Queiroz; enquanto as gerações anteriores o tinham sido pelo próprio Eça e seu "chic" literário — sua revoluçãozinha estético-realista-agnosticante.

Capistrano de Abreu costumava referir-se ao "transoceanismo dos brasileiros", — a certo sentimento de aventura, saudosista e "aboenguer", que nos ficara da Europa distante e das solidões imperscrutáveis dos mares.

Contemporaneamente Gilberto Freyre, analisando esse sentimento saudosista, chegou a lançar as bases de uma teoria da cultura e da raça portuguesas, e, por extensão, brasileiras, definindo-as, ambas, pela simultaneidade da ocorrência, no âmago de cada uma, de "um espírito de aventura e de rotina", sempre presente em todos os instantes históricos de Portugal e do Brasil e até das colônias portuguesas da África e da Ásia.

Sem muitos esforços de análise podemos talvez identificar o "espírito das serras", endeusado pelo Eça, o "transoceanismo" de Capistrano, e a "aventura e rotina" de Gilberto Freyre, como sendo valores de uma mesma categoria histórica e sociológica, cada um exprimindo, a seu modo, porém sempre da forma mais peculiar, aquêles aspectos mais íntimos da nossa raça e cultura, a que há pouco nos referíamos.

Com efeito, que nos propõe o Eça, com o seu lírico elogio das serras, senão um sadio provincianismo, um enraizamento profundo à terra e aos costumes comuns, — um doce aconchêgo aos antepassados, depois de todas as loucos andanças pelos mundos distantes?

No seu famoso romance "A Cidade e as Serras", o Jacinto, por exemplo, é a "aventura", são as experiências com mil e um aparelhinhos complicados, que entram e saem pelo seu apartamento, explodem e arrebatam tudo; já o Zé-Fernandes é a "rotina", são os sentimentos ancestrais de repouso e segurança, simbolizados magicamente pelo autor na "velha e sólida serra de Guaiães".

Do mesmo modo, que pretende significar Capistrano de Abreu pelo seu "transoceanismo", senão que, em todo brasileiro descendente de português, resta ainda, no mais fundo de si mesmo, uma última lembrança daquele mundo de tradições e alegrias ancestrais, de aventuras e perigos envoltos na amplidão dos mares?

E não é este, porventura, ainda o mesmo sentimento, do qual participam, não só aquêles dois elementos da dicotomia do Eça — "A Cidade e as Serras", o Jacinto,

cinto e Zé-Fernandes, as longas viagens e a saudade da Pátria distante — mas igualmente também a "aventura e a rotina", o "santo" e o "herói", de que o nosso grande mestre de sociologia regional, o professor Gilberto Freyre, haveria de lançar mão para erigir as bases de sua famosa teoria?

Parece indiscutível que nada há a impedir-nos de fundir aqui o lírico "espírito das serras", do Eça, o heróico "transoceanismo", de Capistrano, e a prosaica "aventura e rotina", de Gilberto Freyre numa fórmula cultural única, determinante das mais perenes tendências do espírito do nosso povo.

E esta fórmula eu uso pôr-lhe, dêste já, um nome: é o "provincianismo", uma qualidade típica da inteligência brasileira.

Como aquêle ilustre escritor, que dizia ser a mais legítima realidade da França a Província, podemos nós, do mesmo modo, dizer que a mais legítima realidade do Brasil são os Estados, suas ex-Províncias.

O "estadualismo", como já o propôs alguém, deveria ser, por derivação, a palavra apropriada para exprimir as mais variegadas sugestões que por detrás do termo Estados se escondem. Mas, aí, a pobreza das palavras, como a pobreza dos homens, é uma contingência poderosa!

Por "estadualismo" nós não conseguiríamos figurar, ao vosso espírito, senão vagas tendências políticas não federativas, envés das tendências humanísticas e profundamente culturais, que logo se nos desenhavam ao espírito quando aludimos, mesmo de passagem, ao "provincianismo".

Esta, sem dúvida nenhuma, é que se tornaria a palavra mágica, o "abre-te, sésamo" da inteligência e da cultura regionais da Nação.

O "provincianismo" vem se definindo como tendência literária em nosso País desde os primeiros estudos, que lhe consagrou o gênio rebelado e entusiasmado de Silvio Romero.

E já nos nossos dias êle se encontra definitivamente num amplo movimento de inteligências moças e inquietas, como um Dalton Trevisan ou um Mauro Mota, um Joaquim Alves ou um M. Rodrigues de Melo, um Edson Regis ou um Aderbal Jurêma, que de um extremo a outro do Brasil, combatem ardorosamente pela descentralização da nossa cultura intelectual e artística, pela valorização da contribuição cultural das Províncias.

Este movimento natural e incoercível, que parte da periferia para o centro e envolve em seu seio, os talentos mais promissores das novas gerações brasileiras é, com efeito, um fenômeno novo nas nossas letras — um "provincianismo" atuante, deliberado, pitorescamente colorido em seus aspectos de mocidade, exibicionismo e intransigências.

Embora as conotações, que êle apresenta, sejam ainda quasi todas imprecisas, não resta dúvida que dêle já podemos falar "in abstracto" como um movimento universal de inteligência e cultura.

Sob êste ponto de vista uma das mais ricas conotações humanísticas e culturais do "provincianismo", por exemplo, foi-nos definida pela arte genial de Gustavo Flaubert: é o "bovarismo", ou seja: aquêle doce enleio e antevisão de brilhantes mundos sociais imaginários, que povoavam a cabeça sonhadora da provinciana Ema Bovary e faziam-na viver, a despeito de não sair de sua prosaica Província, como que numa perene febre de belézas e volúpias cortezes.

Outra conotação do "provincianismo", não menos rica, nem menos significativa, é aquela, por exemplo, que poderíamos ir encontrar magistralmente definida no romance clássico de Eschagnolle Taunay, "Inocência".

Se Ema Bovary vivia com a cabeça cheia de sonhos e fantasias, em dissonância com sua província chã e sensaborã, a Inocência, de Taunay, quedava tranquilamente integrada no seu rústico meio provin-

ciano, do qual sobressaia como a mais delicada das flores.

Uma era a insatisfação, o desejo de consumir-se entre volúpias sempre novas e diferentes; a outra era a paz do corpo e do espírito, a amável beleza de existir como os pássaros e os animais, sem se dar conta de que os outros se angustiam, se invejam ou morrem.

Nestes dois aspectos contrastantes, mas complementares, do "provincianismo", residem toda a sua beleza e toda a sua tragédia! Ele participa da natureza do sonho e da realidade, da agitação e do repouso, da glória e da obscuridade; é enfim a própria fonte de criação artística e intelectual.

Socorrendo-nos das fórmulas matemáticas, aplicadas aos símbolos literários de três dos maiores e mais diversos escritores da nossa língua, assim poderíamos, talvez, resumir aquelas tendências mais fortes e perenes do espírito da nossa raça e sua cultura.

LIRISMO DAS SERRAS — TRANSOCEANISMO — AVENTURA E ROTINA — PROVINCIANISMO.

Bem sabemos quão transitórias e vãs têm sido as teorias literárias através dos tempos, mas consolamos a esperança de que a nossa, ao menos, nos sirva de gula para o ensaio de interpretação de um autor e sua obra que aqui objetivamos fazer.

E conto ainda com o posso perdão si o ensaio não sair perfeito e nítido em suas linhas gerais. Já vos disse que tive por mestres ingleses e norte-americanos. Montaigne, quando conheceu pela primeira vez os ingleses, disse que estes lhe deram a impressão de "assistir um congresso de chefes de usinas". Parecera-lhe escutar contra-mestres ocupados, verificando detalhes e trocando receitas; "as idéias gerais, concluíra, sem ironia, o ensaísta francês, estavam completamente ausentes".

Espero, de vossa generosidade, que não repareis nas minhas muitas análises e verificações, pequeno defeito de formação do espírito de um auto-didata, e que sabereis por certo apreciar com indulgência o resultado final a que, por meio delas, chegaremos.

x x x

Tenho de vos falar, nesta solenidade, de Maximiano Lopes Machado, um homem das serras e com o espírito de homem das serras, no sentido histórico e sociológico, que aqui lhe damos, não no satírico e literário, que Eça de Queiroz imortalizou no seu romance célebre.

Fundando a História escrita da Paraíba, depois das mais ásperas lutas e peripécias, e desajudado de todos, Maximiano Lopes Machado proclamava com justificacão do orgulho:

"A Paraíba, pois, vai ter a sua História, e oferecer subsídios, a exemplo de outros Estados, à História Geral União Brasileira. E' só com o enfeixe das histórias parciais que poderemos obter com exatidão êste desejável resultado".

Com estas palavras simples, mas eloquentes, o erudito paraibano respondia negativamente à tese de Varnhagen, que havia escrito uma "História Geral do Brasil" sem, todavia, já serem conhecidas as histórias parciais de cada uma de suas províncias.

Guindado, pela magnanimidade do Imperador, às culminâncias de "historiador oficial do Brasil", o ilustre Visconde de Porto Seguro achava que a história das Províncias era, pela sua extensão, uma história menor e, como tal, deveria ser tratada por historiadores menores.

Os tempos demonstrariam que havia um ligeiro engano na proposição do Visconde.

Antecipando-se aos tempos, Maximiano Machado, aqui da obscuridade de sua Província, cuja história acabava na mesma época de escrever, haveria de dizer que, pela tese esdrúxula do Visconde, não se chegaria, senão a um resultado, qual fôsse obter "o todo sem as esplêndidas feições de suas partes"!

(Continua no próximo número)

O PRISIONEIRO

(Conclusão da última página)

heiro com tolices de remédio".

Inácio lembra-se das suas faces coradas, da sua robustez de solteira. Nunca um cansaço, uma tristeza. O otimismo contagiante, sobrepondo-se a tudo. "Não se aperreie, você vai ver como tudo tem que mudar, como vai ser diferente": O tempo passando, é tudo no mesmo. Hoje não acredita mais. Sua situação não se modificará, está certo. O livro de protocolos, a campainha e a pasta da correspondência, dominam a sua vida, esgotam as suas energias. Nunca a libertação. E os meninos chorando, com frio e com fome. As gotículas alagando tudo, o pescoço doendo. Manoel sem ir à escola, Maria com bronquite, Alice, a sua Alice, tossindo e se acabando, diante dos seus olhos. Sua saúde, por que não se altera, em lugar da dela? Seria preferível, e não sentiria pena de si mesmo. Sómente a saudade de Alice, o remorso pelo mal que lhe causou, a compaixão pelas pequenas vidas desamparadas e sem rumo.

Ouve a campainha. Deve ser o dr. Januncio. Ouve comentários, à sua passagem:

— "Seu Inácio parece que vive na lua. Para entender um chamado é uma dificuldade".

O rosto vermelho e re-

passado do dr. Januncio Pasqueira, a gravata vistosa e o charuto fumegante.

— Trouxe todos os recibos? — pergunta sem o fi-lar.

Inácio tenta fazer um gesto com a cabeça. A dor apodera-se do seu pescoço, fazendo-o apertar os lábios.

— Que foi que o sr. disse?

— Nada doutor. Os recibos estão comigo. Quer que vá buscar?

O dr. Januncio faz um gesto vago, condescendente, e aspira a fumaça do charuto.

— Depois, seu Inácio. Depois. Agora leve esses telegramas para passar. E tenha muito cuidado com eles.

Como se os telegramas vivessem se extraviando em suas mãos. — pensa Inácio.

— Ouviu?

— Sim senhor, doutor.

Diz e não pôde deixar de recordar Manoel.

— Pai o senhor quer comprar um burrinho branco para mim? Daqueles que tem as orelhas em pé.

— Menino bem comportado não deve fazer pedidos.

— É de pão, pai. Um

burrinho pequenininho, que vai na vitrine da loja.

Sente a comoção tomar-lhe a garganta. Ele percebeu, viu que era por falta de dinheiro.

— Vou ver, se compro.

— Tá bem, pai. Mas se puder.

— Farei o possível.

— Sim senhor.

— Que é que está esperando, seu Inácio?

Surpresa e embaraço. Responde confuso:

— Nada não.

— Pois então vá embora, homem, passar os telegramas.

Ouve ainda, ao sair, a voz do dr. Januncio Pasqueira, fazendo reclamações ao telefone. Tão nua-segante como o fumo do seu charuto.

x x x

A tarde fugindo. De sua mesa, Inácio olha as moedas de sua repartição, que começam a fazer preparativos para sair. Agitam os cabelos e empõem o rosto. O perfume feminino do pó de arroz flutua no ar. A lourinha do caixa olha-se no espelho de bolso, retocando com a ponta do dedo a cor dos lábios. Cuidados que Alice já não possui. Os filhos e a mi-séria estragaram a sua vi-

da, fizeram-na perder o cuidado com a sua pessoa. E aquela tosse? Se ela estiver mesmo doente? Sente um calafrio, uma impressão de perda, como se ela já estivesse morta. A culpa seria sua. E não mereceria perdão. Que foi que fez para minorar os seus sofrimentos? Sentado ali, anos seguidos, diante daquele livro, anotando documentos e atendendo à campainha. Tolerando o charuto do dr. Pasqueira e as suas observações. Sem ânimo, sem esperança.

x x x

Na rua, fica esperando junto ao poste, o bonde que o levará para casa. Não pode comprar pão, nem o burrinho branco de Manoel. Como ele vai ficar triste — e desiludido. Vai voltar sem o pão, para encontrar as caras magras, diante da mesa sem toalha, comendo o angu aguado, sem vontade e em silêncio.

Passa um ônibus. Pessoas que falam, sorriem e discutem. Inácio continua a esperar. Não pôde ir no ônibus. Que adiantará, chegar mais cedo? Alice o receberá sem uma queixa, o que será mortificante. Encontrará uma censura nos olhos de Manoel?

O bonde parece que não vai chegar nunca. Inácio espera, com as mãos vazias e o desespero na alma.

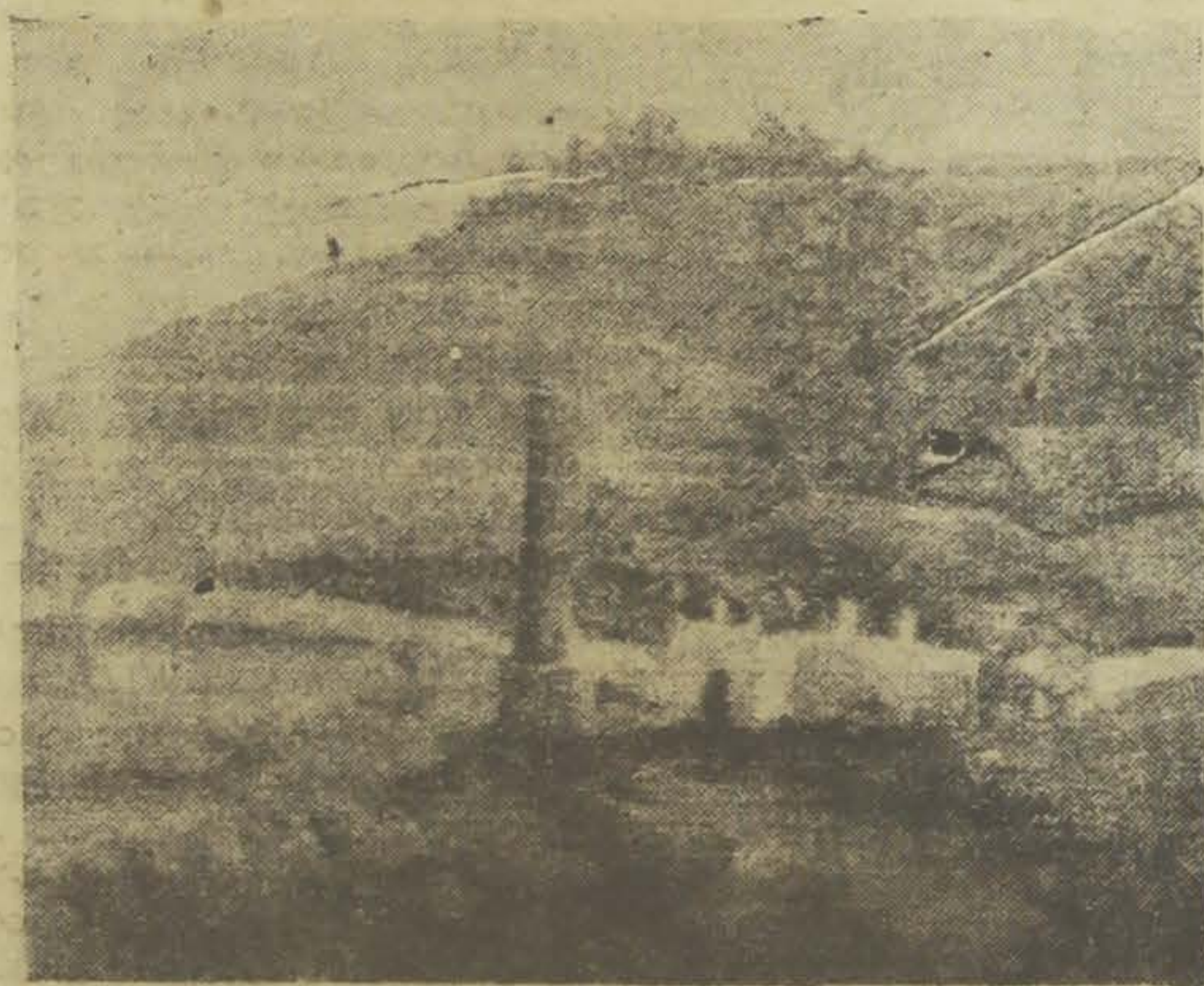
CONCLUSÃO DA PAGINA 12

qualquer valor ao livro do Sr. Paleólogo? Absolutamente não. Charles Baudouin, em sua *Psychanalyse de l'Art*, diz que "l'on peut, en conséquence (por ser método e não doutrina), appliquer (a psicanálise) sans se croire tenu d'admettre à priori toutes les hypothèses de Freud". Inversamente, diremos que se podem recusar muitas hipóteses de Freud, ou de seus discípulos, sem que, a priori, se tenha de refutar a psicanálise. Reconhecemos suas possibilidades no conhecimento do ho-

mem: não concordamos e com o exagero, nem com o artifício, razão porque não podemos aceitar in totum as conclusões do Sr. Constantino Paleólogo. É possível que me redargua que não lhe compreendi o livro, pois, afirma sofisticadamente, no seu capítulo II, que "aquilo que se compreende inteiramente, aceita-se".

Que se há de fazer?

(1) EÇA, Literária e Psicanaliticamente — Introdução de Neves-Manta, Edições Cruzeiro, Rio, 1948.



ENGENHO JOÃO DA SILVA — Olho de Castor do Riço

O PRISIONEIRO

Conto de HAMILTON PEQUENO

A PENA raspando o papel, e a letra miúda fixando-se vagarosamente nas páginas do livro de protocolos. Números numa sucessão que não tem fim. O carimbo concluindo cada anotação, com a sua tinta cor de violeta. Ritmo sombrio e monótono de todos os dias. Ruído de um bonde que se aproxima. Inácio levanta a cabeça. O pescoço volta a doer. Deve ter sido a frieza da noite anterior, a falta de agasalho. A casa mal coberta, cheia de goteiras, incapaz de suportar uma chuva pesada. O bonde passa com as cortinas descidas. Ainda deve estar chovendo. Se pudesse ir naquele bonde, iria encontrar Alice às voltas com os meninos, cuidando da casa, com os seus ombros curvados, a face cansada. Mulher admirável. O que era a sua vida, na casa dos pais de criação. Mas gostara dele. Não tinha nada. Sabia que ganhava pouco, e não se importou. Nenhum conselho, nenhuma advertência mudou a sua resolução. Não ignorava o que era a pobreza. Até os dez anos vivera num Orfanato, e suas mãos, naquele tempo, eram calejadas pelo trabalho grosseiro. "Eu chorava todas as noites, Inácio, e não tinha ninguém para quem apelar". A diretora não gostava dela. Obrigava-a a carregar água, implicava com as suas lágrimas, com o seu mutismo resignado. Ela sabia o que era viver sózinha, levando bolos de palmeira, ouvindo gritos. Mas não era uma pobreza como essa em que se encontrava agora. Houvera compensações. Conhecera o conforto que pais estranhos e bondosos lhe haviam dado. "Eles são tudo o que tenho no mundo, Inácio. Mas você também não me pode faltar". Ficará com ele. Os pais adotivos não quizeram mais vê-la. Era gente que vivia

bein, tinha nome na sociedade. Não admitiam a presença em sua casa de um Inácio qualquer. A representação era tudo, impunha respeito. Alice. Ela era a esposa que estava sempre ao seu lado, sofrendo privações sem uma reclamação. Pálida, as olheiras se destacando, os olhos fatigados.

Inácio continuava a anotar documentos. Se não fosse a chuva da noite anterior, não estaria com o pescoço tão dolorido. De certo era o reumatismo. Velhice que chegava, ou doença? As escapadas com os companheiros, os amores fáceis, estariam cobrando o seu tributo? Os números alongam-se dentro da linha vermelha. Requerimento de um funcionário solicitando licença para tratamento de saúde. Um que não voltará mais. Chega a querê-lo sentir inveja dele. Os primeiros sofri-

mentos compensariam a paz de que iria gozar. Tanta luta e tanta pobreza, com que fim? Tudo daria no mesmo. Todos tinham que morrer. Certo, tinha os seus filhos, a esposa dedicada que lhe queria bem. A casa humilde era o seu lar, e não poderia abandoná-lo. Alice sacrificara-se por sua causa, os meninos necessitavam do seu amparo. Não tinham culpa de ter vindo ao mundo. Para que arruinar inteiramente aquelas três vidas? Viviam mal, mas viviam, se é que se poderia chamar aquilo viver. Pior seria sem ele. Não podia tentar uma libertação fácil como essa em que pensava. Fácil? Restava saber se teria coragem. Talvez estivesse se desculhando perante si mesmo, por não poder fazer como muitos que se matavam. Anotou o requerimento. Podia ser de um pai de

família, ganhando pouco e sem ter o que comer. Tratamento de saúde! Era até engraçado. Como se isso fosse possível. Quem era que podia se tratar, ganhando quinhentos mil réis por mês? Quem podia comprar injeções de cinquenta mil réis à caixa, tendo esposa e filhos para alimentar? Aquilo podia ser encarado como um epítáfio, uma frase espietada para encobrir um caso perdido. Um movimento da cabeça e a dor volta. Aguda e lancinante como uma punhalada. Aquela dor o teria levado para casa. Alice arranjaria um remédio. Não falava com uma compressa quente, alguma coisa que o aliviasse. Sómente ele não lhe dava alívio, não lhe alegrava o rosto triste. As esperanças definitivamente aniquiladas. Não tinha amigos, como Gabriel, que arranjara um bom lugar numa repartição federal. "Não sabe fazer como eu, Inácio. Agora tenho é um e novecentos". Em casa tudo faltando. Manoel com as roupas rasgadas, sem poder ir à escola; Maria com os pés no chão, sofrendo de bronquite. O dinheiro não chegava para comprar roupas, calçados e remédios. Mal dava para adquirir a alimentação ruim. E Alice? A sua palidez, a tosse que a perturbava às vezes, à noite, causa-lhe apreensão. Observou o seu cansaço, outro dia, quando voltavam para casa. Uma caminhada pequena, e quasi não podia falar. Insistia que se sentia bem, que não era nada. Mas ele sabia que não era verdade, desconfiava que ela estava se sentindo doente.

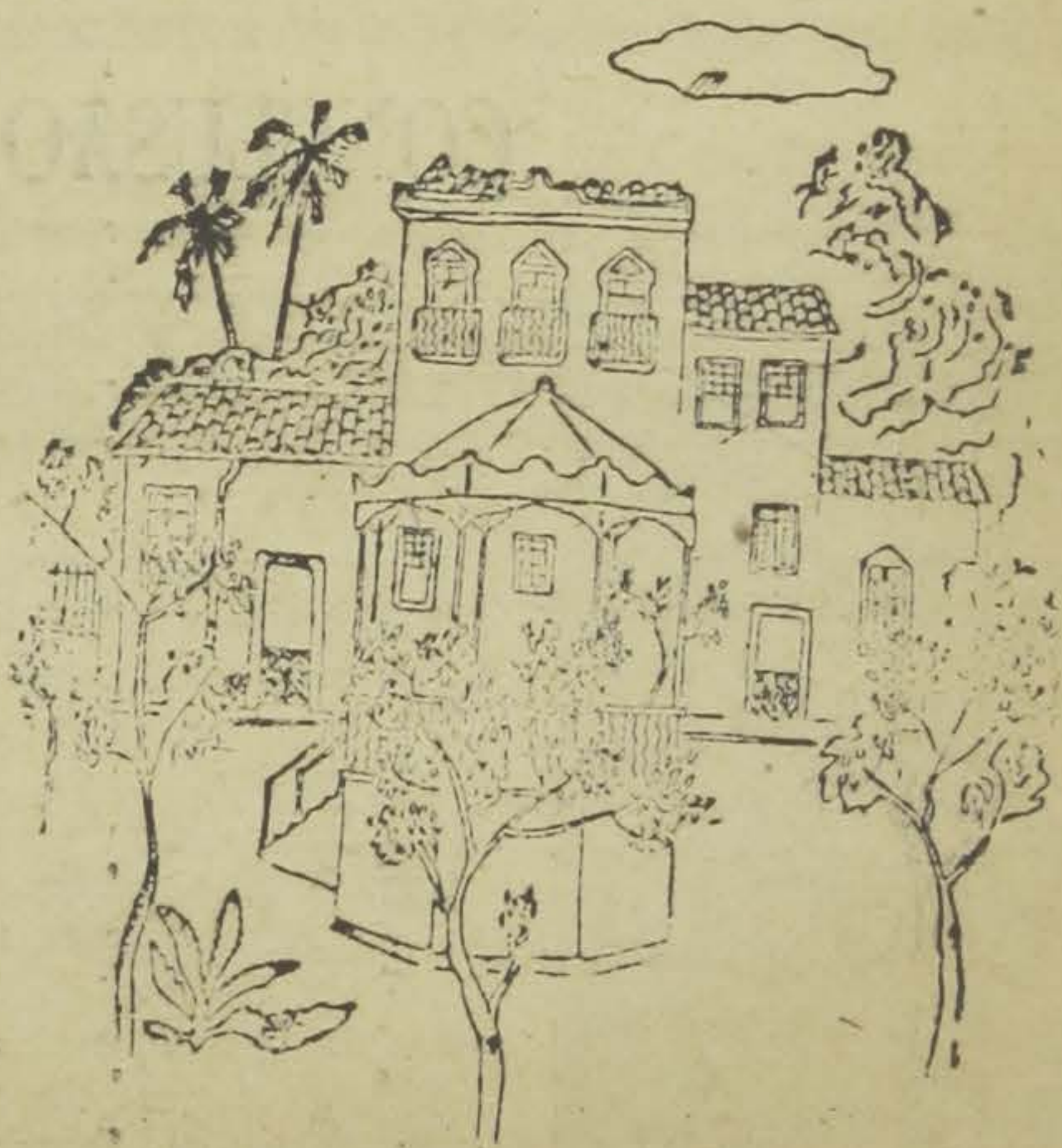
— "Vou arranjar uma consulta para você, Alice, com o dr. Aristarco Noronha, lá do Hospital Público".

— "Não precisa, Inácio. Estou me sentindo bem. Não podemos gastar di-

Correio das Artes

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO"

JOÃO PESSOA, PARAÍBA, 26 DE JUNHO DE 1949



Desenho de JORGE GONÇALVES para o livro ITAPAGIPE, de HERMANO REQUIÃO

(Conclui na página 15)